

CRIANÇA, INFÂNCIA E CONSUMO: UM OLHAR PARA A APRENDIZAGEM PROFISSIONAL DA DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Marineide de Oliveira de Oliveira Gomes

Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)

Campus Guarulhos

Nathália Venâncio

Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)

Campus Guarulhos

RESUMO

Este artigo relata uma experiência de trabalho pedagógico realizada no Programa de Residência Pedagógica – Educação Infantil (PRP EI) da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Unifesp – campus Guarulhos, no qual a estudante/ Residente esteve imersa por um período de quatro semanas com um grupo de crianças de cinco anos em uma escola de educação infantil pública municipal. O relato objetiva apresentar o seu processo de aprendizagem profissional da docência na educação infantil, desenvolvido por meio de metodologia qualitativa, com observação participante e registro em Caderno de Campo, seguido de elaboração e desenvolvimento de Ações Pedagógicas. Trata-se de um programa especial de estágios curriculares, construído de forma colaborativa com professores de escolas de educação infantil que acolhem os Residentes e se fundamenta na problematização da realidade observada, com proposição de atividades com as crianças, baseadas no interesse, desejos e necessidades dessas crianças. Motivada pelo alto consumismo manifestado pelo grupo de crianças, a Ação Pedagógica proposta visou desenvolver, por meio de rodas de conversa e de confecção dos brinquedos, a percepção dessa condição naquele grupo e as possibilidades de criação de brinquedos artesanalmente, em contraposição ao consumo, na crença de que um brinquedo confeccionado pelas crianças, com materiais acessíveis e recicláveis, pudesse ampliar a dimensão lúdica tanto ou mais que um brinquedo

industrializado e contribuir para reduzir o consumismo pelo incentivo à criação e a invenção. Ao final, a avaliação das crianças e da estudante/Residente evidenciou a alteração da imagem de criança e de infância, do papel do consumismo no mundo infantil e a ação da escola de educação infantil e das famílias nesse processo, além de contribuir para que o protagonismo das crianças e a capacidade de planejamento e avaliação destas se revelasse como uma perspectiva colaborativa entre universidade e escola de educação infantil.

Palavras-Chave: Programa de Residência Pedagógica. Educação Infantil. Docência Criança. Consumo. Brincar.

*CHILD, CHILDHOOD AND CONSUMPTION: A GLANCE TO
PROFESSIONAL LEARNING OF TEACHING IN CHILDHOOD EDUCATION*

ABSTRACT

This article reports a pedagogical work experience carried out in the Programa de Residência Pedagógica – Educação Infantil (PRP EI) (Pedagogical Residence Program – Childhood Education) of the Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas of Unifesp – Guarulhos campus, in which the student/Resident was immersed for a period of four weeks with a group of five years old children in a municipal childhood educational school. The objective of the report is to present its teaching professional learning process in childhood education, developed through a qualitative methodology with participating observation and recording in Caderno de Campo (Field Exercise Book) followed by preparation and development of Pedagogical Actions. This is a special program covering traineeships built in a collaborative manner with teachers of childhood education schools that receive Residents and is founded on problematization of reality observed, with proposition of activities with children based on the interest, wishes and needs of such children. Motivated by the high consumerism shown by the group of children, through rounds of conversation and making of toys, the proposed Pedagogical Action aimed to develop the perception of this condition in that group and the possibilities for creation of handcrafted toys, in opposition to consumption, in believing that a toy made by children, with accessible and recycling material, may expand the ludic dimension as much or even more than an industrialized toy and contribute in reduction of consumerism by the incentive to creation and invention. At the end, the evaluation of the children and of the student/Resident confirmed a change in image of the child and childhood, of the role of consumerism in the childhood world and the

action of the childhood educational school as well as of the families in this process, in addition to contributing in revealing the leadership role of the children and their planning and assessment capacity as a collaborative perspective between the university and the childhood educational school.

Keywords: Childhood Education. Pedagogical Residence Program Child. Teaching. Consumption.

Introdução

O presente trabalho é resultado da Ação Pedagógica realizada durante o Programa de Residência Pedagógica – Educação Infantil (PRP EI) na Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP- campus Guarulhos)¹, um programa especial de estágios curriculares, desenvolvido pelo Curso de Pedagogia para a formação de pedagogos que atuarão como professores e gestores educacionais, na intenção de superar a distância entre teoria e prática, presente, de maneira geral, na formação desses profissionais. Trata-se de um Programa de Estágios Curriculares, desenvolvido em instituições educacionais públicas localizadas no entorno do Campus da Universidade e os Residentes são estudantes do Curso de Pedagogia que desenvolvem a Residência Pedagógica em escolas-campo que mantêm Acordo de Cooperação Técnica com a Universidade.

Como Residente deste Programa, a estudante foi inserida em uma escola pública de educação infantil (campo da RP EI), localizada nas proximidades do campus universitário e permaneceu, durante o período de um mês, num grupo de crianças com faixa etária de 5 a 6 anos. Durante esse período, observou a rotina do grupo (tempos, espaços e materiais), a relação criança-criança, criança-educador, educador-educador (professores, gestores e demais funcionários), e, sobretudo, as necessidades, interesses e desejos de tais crianças. Foram utilizados, para registro, Caderno de Campo e imagens, com consentimento dos sujeitos participantes e, considerando esse contexto, os Residentes elaboraram um Plano de Ação Pedagógica (PAP) que consistiu em identificar as necessidades da turma de crianças da sala estagiada, problematizar e planejar as Ações Pedagógicas que viessem a enriquecer o trabalho ali desenvolvido.

Durante o período de observação, o que saltou aos olhos foi o consumo e a vontade de consumir que as crianças possuíam, não havendo

um só dia em que elas não pronunciassem a palavra “comprar”. A partir desse desejo das crianças, pesquisou-se a respeito do consumismo infantil, sendo constatado o quanto as atitudes consumistas estavam interiorizadas nas crianças, além do papel das propagandas e das mídias na sociedade atual.

Pensávamos que tais atitudes consumistas estavam se sobressaindo, diante das atitudes então próprias do mundo infantil, conforme apontam as Diretrizes Curriculares Nacionais de Educação Infantil (BRASIL 2009) no Art. 4º, ao indicar que a criança, sujeito histórico e de direitos, é aquele que brinca, imagina e fantasia. Vale destacar que o documento ainda acentua que a proposta pedagógica da instituição de educação infantil deve garantir sua função, no que se refere à ludicidade e à brincadeira, pois estas, conforme ressaltado por Barbosa constituem “[...] a experiência inaugural de sentir o mundo e experimentar-se, de aprender a criar e inventar linguagens através do exercício lúdico da liberdade de expressão.” (BARBOSA, 2009, p.70).

Uma ação pedagógica compartilhada com as crianças

O documentário “Criança, a alma do negócio”² traz questões que serviram para subsidiar a elaboração do Plano de Ação da Residente. Importante pensarmos sobre o tempo em que uma criança passa em frente à TV, esse objeto que ocupa um dos lugares centrais da casa, quando não está em vários cômodos, considerando que uma determinada marca (veiculada pela propaganda) precisa apenas de 30 segundos para influenciar uma criança³ e que a criança brasileira passa quase 5 horas do seu dia à frente das TVs⁴.

O documentário trouxe possibilidades de serem tecidas variadas relações com o que estava sendo visto e refletido nas ações das crianças do grupo observado. As meninas mostravam suas sandálias, umas novas, outras nem tanto; algumas de saltos, o que dificultava o brincar no parque – tentando imitar o que viam nas mulheres adultas, demonstrando interesse pela sandália das coleguinhas, o que acreditamos, seja influencia de comerciais veiculados na televisão (o documentário apresenta isso), como as sandálias da boneca “Barbie”, observado em várias meninas que tinham sandálias semelhantes, podendo ser este um comportamento de estímulo à competição entre elas.

No documentário, Barros Filho⁵ leva-nos a refletir sobre a “condição de pertencimento” do consumismo infantil. Segundo ele, a

criança, para pertencer a um grupo determinado, precisa ostentar mochilas, lancheiras, tênis e roupas da moda, de “marca”, conferindo com o que se observou: os meninos comentavam sobre mochilas, dizendo: “Nossa, essa mochila é ‘Zica’” e falavam dos carrinhos, brinquedos do “Ben 10”, por exemplo, mostrando estarem inseridos naquilo que está na “moda” e enxergando uns aos outros pela identificação do que eles revelavam dessa moda.

Acompanhando as crianças, foi possível notar que muitas meninas iam à escola de educação infantil maquiadas, com unhas pintadas (e sempre trocando a cor do esmalte), o que também é relatado no referido documentário, revelando o quanto uma forma de ver o mundo adulto, veiculada sobretudo pela publicidade, pode tornar as crianças cada vez mais precoces e, envolvidas em um imaginário de consumo; desde muito cedo tornam-se vaidosas, apresentando exacerbado cuidado estético – não próprios do universo infantil.

Esse desejo de consumir, segundo Villela (2008)⁶, não é um desejo real, mas um desejo implantado. Arriscamo-nos a relacionar esse desejo manifestado pelas crianças ao desejo ao qual se refere Petri (2009)⁷, um desejo que é colocado pelo Outro (o Outro primordial), quando afirma que “a criança dirige seu olhar para onde está o desejo e o olhar desse Outro” (PETRI, 2009, p.18). Dessa forma, é possível acreditar que as propagandas, especificamente aquelas dirigidas às crianças, têm o papel de direcionar um desejo e implantá-lo. A criança pequena encontra-se em um período de constituição como sujeito e, portanto, “aberta” a esses diversos olhares. Isso faz com que o setor publicitário tenha como público privilegiado esse ser central da família, pois ela, a criança, apresenta, por vezes, o “poder” de pressão sobre seus pais, alvo certo das propagandas.

Aqui é importante refletirmos sobre os desejos presentes no cotidiano das escolas de educação infantil: em que medida a rotina de atividades expressa os interesses, desejos e vontades das crianças e, ainda, como as crianças são enxergadas em sua inteireza pelos adultos/educadores? Quais concepções sustentam as práticas na educação infantil, que evidenciam crenças, convicções e formas de conceber a infância, as crianças, a educação infantil e a função do professor de crianças pequenas em creches e pré-escolas no âmbito da educação básica?

A partir desse cenário de observação e de problematizações, foi planejada pela Residente uma Ação Pedagógica que viesse na contramão do consumismo citado, com a possibilidade de criação de brinquedos pelas próprias crianças e de reflexão sobre os hábitos tão precocemente arraigados no grupo. Observando-as, percebeu-se que possuíam uma

imaginação em alta, eram curiosas em todos os sentidos, e acreditou-se que, se fossem formuladas ao grupo algumas questões relacionadas às propagandas da TV sobre os brinquedos que gostariam de comprar, levaríamos este grupo a refletir sobre o consumismo infantil e a desenvolver a capacidade de imaginar possibilidades lúdicas diferentes do cenário consumista que impregnava aquele ambiente.

Antes de viver a experiência de estar com crianças num coletivo com uma finalidade educacional, a estudante/Residente que desenvolvia o estágio curricular no PRP EI apresentava uma visão de criança e de infância que subestimava os saberes das crianças pequenas, não imaginando o potencial de criação e de percepção destas, surpreendendo-se a cada manifestação individual e do grupo de crianças.

Tal experiência reforça a necessidade de entendimento dos contextos de vida das crianças pequenas, conforme expressa Barbosa:

As crianças pequenas se constituem sujeitos marcados pelo pertencimento de classe social, de gênero, de etnia, de religião, isto é, todas as inscrições sociais que afetam as vidas dos adultos também afetam a vida das crianças. Ao longo de suas existências vão configurando seu percurso singular no mundo, em profunda interlocução com as histórias das pessoas e dos contextos nas quais convivem. [...] brincando, são capazes de agirem incorporando elementos do mundo no qual vivem. (BARBOSA, 2009, p. 24.)

Realmente, as crianças percebiam e refletiam sobre as situações, falavam sobre temas surpreendentes que faziam a estudante/Residente se perguntar: “de onde essa criança tirou isso?” É como se, ao escutarem algo uma única vez, guardassem em uma gavetinha e, assim que necessário, buscavam as informações em seus arquivos e manifestavam-se com a riqueza da espontaneidade e integralidade que as caracterizam. Reconhecíamos, assim, que as crianças possuem culturas e que estas se manifestam de diferentes formas. A Sociologia da Infância, ao tratar a criança pequena como ator social, com voz própria, como agente social ativo e criativo que produz e é produtora de culturas infantis, e a infância como categoria social, acentua a dimensão cidadã, de atividade, de potência e de agência da criança (CORSARO, 2011).

A criança pequena, em geral, usa a imaginação para criar, sentir e ver o mundo à sua volta de forma espontânea e integrada. Seu pensamento sincrético a habilita a produzir múltiplas possibilidades imaginativas, por meio de várias linguagens, na tentativa de compreender

o que se passa ao seu redor, sendo a cooperação, a afetividade e o envolvimento, características importantes nessa faixa etária.

Considerando essa premissa, procurou-se desenvolver brinquedos considerados simples e que fossem do agrado delas, pois havia dúvidas quanto ao tempo e à dificuldade que elas poderiam ter em relação aos brinquedos que requeressem níveis mais complexos de criação.

A professora-formadora (professora da escola-campo responsável pelo grupo de crianças) ainda não possuía um plano de atividades, pois se encontrava em fase inicial de adaptação das crianças, observando as atitudes e necessidades do grupo, o que favoreceria uma proposta diferenciada a ser elaborada com as próprias crianças e que poderia ser inserida no plano de trabalho da professora-formadora, posteriormente.

Aprendendo a ser professora de crianças pequenas em um cenário educacional real e diverso

O Plano de Ação Pedagógica proposto pela Residente interagiu de forma indireta com as famílias, pois, após serem criados os brinquedos pelas crianças na escola, seriam enviadas sugestões para criação de novos brinquedos em casa com os pais.

As ações propostas dialogaram com o Projeto desenvolvido na escola, pautado nos temas da Cidadania e nos Valores Humanos, que visava integrar a escola com as famílias e a população local, havendo sinalizações de que, ao longo do ano, os pais seriam convidados a participar de forma ativa das atividades da escola. No caso desta Ação Pedagógica, pais, mães, tios, avós viriam à escola e desenvolveriam algum tipo de brinquedo artesanal ou, ainda, apresentariam brincadeiras de seus tempos de infância como forma de resgate de suas culturas de origem e de socialização de manifestações que estão se perdendo nos dias de hoje, devido aos processos de industrialização, de urbanização, das transformações das famílias, do papel da mulher no mundo do trabalho e, sobretudo, pelo apelo midiático das propagandas no incentivo ao consumismo de brinquedos estruturados.

Em Roda de Conversa, as crianças puderam manifestar-se sobre o que gostariam de comprar (brinquedos e outros objetos vistos nas propagandas da TV), sendo analisados ali os interesses do grupo, que foi indagado sobre a diferença entre os brinquedos comprados prontos e os brinquedos que poderiam ser feitos por elas próprias, problematizando

com o grupo as possibilidades de criação de brinquedos, o consumismo que toma conta da nossa sociedade e a possibilidade de cada um fazer seu próprio brinquedo e dar a ele um toque especial, tornando-o único. Foi possível trazer ao grupo, nesta etapa do trabalho, informações históricas dos tempos em que as famílias e as crianças produziam os brinquedos artesanalmente, seja pela inexistência das indústrias de brinquedos, seja por falta de dinheiro para adquiri-los. Para Warschauer (1997), a Roda propicia:

Um maior entrelaçamento dos significados individuais, a interação aumenta e criam-se significados comuns, às vezes até uma linguagem própria. Sinto este momento como a fecundação geradora de vida. Do encontro nasce o ovo. Das intersubjetividades nasce o grupo (WARSCHASUER, 1997, p. 47).

A roda de conversa, proposta ao grupo e filmada em vídeo, enfatizou as manifestações orais das crianças, como um espaço dialógico e importante, estimulando a ampliação da capacidade comunicativa e a construção coletiva dos encaminhamentos necessários à resolução dos conflitos que emergem do grupo, pela dialogia presente nas relações entre as crianças e os educadores, contribuindo para a identidade do grupo a que pertencem.

Segundo De Ângelo (2011), as rodas de conversa atribuem novos significados às vivências do grupo e podem ocorrer em diferentes momentos e situações. Nos momentos 'instituídos', de modo geral, pelo professor, o objetivo é construir ideias em torno de um tema gerador, como partilha de informações, vivências e experiências pessoais. Em momentos 'instituintes' (exigidos pelo grupo), a roda de conversa funciona como dispositivo democrático, com vistas à resolução de questões emergentes no grupo. Em ambas as situações, a roda de conversa é também pensamento, concepção de mundo, ação e posicionamento diante de dada realidade, sendo relevante, no caso das rodas de conversa na educação infantil, a compreensão do pensamento holístico e sincrético, próprio das formas de expressão das crianças, com expressões livres. Por vezes, com este grupo de crianças, observou-se que desfocavam o tema proposto sobre os brinquedos, inserindo expressões do tipo: "eu quero um cachorrinho", "eu tenho um gatinho", o que tornava necessário o acolhimento dos temas emergentes do grupo e o redirecionamento ao tema das rodas.

Num segundo momento, foi apresentada às crianças a ideia referente aos brinquedos que poderiam ser produzidos; pedimos que trouxessem os materiais necessários para essa produção, sendo que cada

um faria o seu brinquedo, que seria diferente um do outro, preservando o processo de criação individual. Foi solicitado à professora-formadora que enviasse recados aos pais, para que estes providenciassem os materiais que seriam utilizados na confecção dos brinquedos (muitos recicláveis); os outros materiais eram da própria escola. A ideia principal negociada com as crianças foi a de fazer dois brinquedos: uma peteca (individual) e um jogo de boliche (coletivo) para o grupo, sendo desenvolvido com o grupo a origem e história de cada um desses brinquedos, além de sua inserção cultural.

Antes de iniciar a atividade com as crianças, foi recuperado com o grupo, em ambiente narrativo, a conversa ocorrida na fase anterior e a razão da construção dos brinquedos. O espaço físico da sala foi organizado com as crianças para a confecção dos brinquedos, com divisão de tarefas de forma cooperativa, sendo que cada um fazia uma parte específica do brinquedo. Após a construção do jogo de boliche, foi terminada a confecção da peteca. Nessa fase foi possível desenvolver com o grupo as etapas de acabamento do brinquedo e, ao final, as petecas foram amarradas.

Em seguida, foi apresentada às crianças a gravação em vídeo da roda de conversa e da confecção dos brinquedos, para que se auto-avaliassem, enfatizando a reflexão sobre o consumismo proposto na Roda de Conversa. Todos ficaram empolgados, primeiramente por reconhecerem suas imagens e, a partir das conversas, foi constatado o prazer das crianças no processo de criação de novos brinquedos e um início de reflexão crítica sobre o alto consumismo daquele grupo.

Ao longo das Ações Pedagógicas, a reflexão sobre a prática foi uma constante, sendo necessário colocar em relação várias concepções estudadas e que, agora, precisariam tomar formas práticas, entre elas a necessária mediação pedagógica e a importância da explicitação das intencionalidades das atividades, o que remete ao que Ostetto (2008) assinala sobre o planejamento como atitude crítica do educador diante de seu trabalho docente.

Um fato curioso é que as crianças perguntaram se poderiam levar as petecas para casa. E, com a confirmação, as crianças manifestaram contentamento, ao saber que poderiam estender o prazer daquelas brincadeiras para além dos muros da escola de educação infantil, e compartilhar com as famílias suas produções. Novamente aqui observamos que o olhar do outro, que valoriza e reconhece potencialidades, tem um papel importante na construção da identidade da criança pequena.

O trabalho com a criação de brinquedos pelas crianças possibilitou que elas desenvolvessem a imaginação, a organização e o prazer pelo lúdico na criação de brinquedos simples e divertidos, tendo a oportunidade de por a “mão na massa”, o que favoreceu o protagonismo das crianças naquele ambiente educacional, valorizando suas potencialidades, além de corresponsabilizá-las com a organização do espaço, tempo e materiais. Algumas diziam com orgulho: “fui eu que fiz”, e o resultado final foi a diversão, a alegria e a interação.

As etapas do trabalho, continuamente “negociadas” com as crianças, representou uma possibilidade importante de aprendizagem profissional da docência no contato com crianças reais que se mostraram agentes no processo de aprender/ensinar e capazes de compartilhar Ações Pedagógicas com sentido para elas, pois foram garantidas as condições para isso, pelo favorecimento do direito das crianças serem crianças, produtoras de culturas (GOMES, 2009).

Avaliamos que a rotina da sala se modificou: as crianças se mostraram atentas, criativas, colaborativas, por suas expressões e manifestações e, sobretudo, pela liberdade criada no grupo e pela escuta de si e do outro. Posteriormente, algumas crianças trouxeram para a escola outros brinquedos feitos em casa com os pais, conforme sugestão dada às famílias, integrando-as nessa reflexão sobre o consumo em nossa sociedade e a necessária crítica ao apelo das propagandas dirigidas às crianças.

Considerações

O Programa de Residência Pedagógica da Unifesp representou uma experiência rica em possibilidades para a formação da docência em educação infantil, apesar de ter a duração de um único mês. Aos olhos da estudante/Residente, seria necessário que a formação de professores fosse um trabalho artesanal de relação entre teoria e prática, tal como essa experiência formativa aqui descrita. A esse respeito, Kramer (2006) aponta que:

Do debate sobre a educação de crianças de 0 a 6 anos nasceu a necessidade de formular políticas de formação de profissionais e de estabelecer alternativas curriculares para a educação infantil. Diferentes concepções de infância, currículo e atendimento; diversas alternativas práticas, diferentes matizes da educação infantil; [...] exigências de formação de profissionais da educação infantil e reconhecimento de sua

condição de professores. Essa diversidade também se faz presente na construção de projetos educativos para a educação infantil (KRAMER, 2006, p.82).

A experiência da RP EI colaborou para que a estudante/Residente relacionasse as teorias estudadas às vivências cotidianas, trazendo questões para as personagens principais dessa trama, as crianças, sendo solicitado da estudante/Residente, assim como foi feito com as crianças, uma grande capacidade de criação e de imaginação para o desenvolvimento de saberes estratégicos, que não estão prescritos nas orientações acadêmicas. Durante esse período, foi possível observar como as crianças são vistas e como elas se veem, como ocorrem as relações entre pares, as relações entre professor e crianças e entre escola-família. Para que tais ações ocorram, fundamental se faz o ato de planejar que, para Ostetto (2002), é:

Essa atitude de traçar, projetar, programar, elaborar um roteiro para empreender uma viagem de conhecimento, de interação, de experiências múltiplas e significativas para/com o grupo de crianças. Planejamento pedagógico é atitude crítica do educador diante de seu trabalho docente. Por isso não é uma forma! Ao contrário, é flexível e, como tal, permite ao educador repensar, revisando, buscando novos significados para sua prática pedagógica. [...] Como um processo reflexivo, no processo de elaboração do planejamento, o educador vai aprendendo e exercitando sua capacidade de perceber as necessidades do grupo de crianças, localizando manifestações de problemas e indo em busca das suas causas. [...] O ato de planejar pressupõe o olhar atento à realidade (OSTETTO, 2002, p.177-178).

O PRP EI proporcionou que a estudante/Residente observasse e analisasse as necessidades, desejos e interesses daquelas crianças com as quais conviveu, motivando-a, assim, a compreendê-las em suas inteirezas e direitos, no desenvolvimento de ações pedagógicas pontuais, porém contextualizadas no ambiente de uma unidade de educação infantil (considerando o Projeto institucional e aquela turma de crianças). E, em um nível mais global, por meio de um olhar crítico-reflexivo referenciado na sociedade que vivemos e no poder das mídias em geral, na criação dos desejos de consumo das crianças pequenas e, em especial, nas orientações e estudos sobre criança como sujeito de direitos e de infância, o que se materializou na forma de um Plano de Ação Pedagógica.

Diante do que se fez e do que não fez, a convicção que fica é de que as concepções que norteiam as práticas pedagógicas não são neutras, sendo um dos grandes desafios da formação de professores, compreender as teorias que informam as práticas ou, no mínimo, a aproximação dessa compreensão.

O Programa de Residência Pedagógica, nesse caso, a docência em educação infantil, contribuiu ainda para a construção de novas relações entre a universidade e uma escola pública de educação infantil, relações que compreendemos ser complexas e merecedoras de aprofundamento (GOMES, 2011). A sistematização dessa experiência formativa buscou contribuir para esse propósito.

Referências

BARBOSA, M.C.S. (consultora). *Práticas cotidianas na educação infantil: bases para a reflexão sobre as orientações curriculares*. Brasília, 2009. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/relat_seb_praticas_cotidianas.pdf> Acesso em 27 de março de 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. *Resolução nº 5*, de 17 de dezembro de 2009. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?catid=323:orgaos-vinculados&id=13684:resolucoes-ceb-2009&option=com_content&view=article>. Acesso em 10/06/2012.

CORSARO, W. *Sociologia da Infância*. São Paulo: Artmed, 2011.

DE ÂNGELO, A. O espaço-tempo da fala na educação infantil: a roda de conversa como dispositivo pedagógico. In KRAMER, S.; ROCHA, E. C. (orgs.) *Educação Infantil: enfoques em diálogo*. Campinas. São Paulo: Autores Associados, 2011, p.53-65.

GOMES, M.O. (org.) *Estágios na formação de professores: possibilidades formativas entre ensino, pesquisa e extensão*. São Paulo: Loyola, 2011.

GOMES, M.O. *Formação de Professores na Educação Infantil*. São Paulo: Cortez, 2009.

KRAMER, S. As crianças de 0 a 6 anos nas políticas educacionais no Brasil e/é fundamental. *Educação & Sociedade*, Campinas, vol. 27, n. 96 - Especial, p. 797-818, out. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302006000300009>. Acesso em: 10/06/2012.

OSTETTO, L. E. (org.) *Educação Infantil: saberes e fazeres na formação de professores*. Campinas. SP: Papirus, 2008.

OSTETTO, L. E. Planejamento na educação infantil: mais que a atividade, a criança em foco. In OSTETTO, Luciana e. (Org.) *Encontros e encantamentos na educação infantil: partilhando experiências de estágios*. Campinas, SP: Papirus, 2002, pp. 175-200.

PETRI, R. A constituição do sujeito in MÜLLER, F.; GOMES, M.O. *Cadernos de Residência Pedagógica - Educação Infantil*, São Paulo: Progressiva, 2009, pp.17-22.

RENNER, Estela. *Criança: a alma do negócio - Documentário brasileiro*; Direção: Estela Renner Produção Executiva: Marcos Nisti Maria Farinha Produções; Ano: 2008. Disponível em: <http://www.alana.org.br/doc.mp4>

WARSCHAUER, C. *A roda e o registro: uma parceria entre professor, aluno e conhecimento*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

NOTAS

¹ UNIFESP – Campus Guarulhos. *Manual do Programa de Residência Pedagógica*. Guarulhos, 2010, p. 298-304. Disponível em: http://humanas.unifesp.br/novo/images/documentos/projeto_pedagogico_pedagogia.pdf. Acesso em: 09 de junho de 2012.

² RENNER, Estela. *Criança: a alma do negócio - Documentário brasileiro*; Direção: Estela Renner Produção Executiva: Marcos Nisti, Maria Farinha Produções; Ano: 2008. Disponível em: <http://www.alana.org.br/doc.mp4>

³ Associação Dietética Norte Americana – Borzekowski Robison.

⁴ Ibope (2006), informação retirada do documentário “Criança, a alma do negócio”.

⁵ Clóvis de Barros Filho, doutor em Ciência da Comunicação. ECA – USP – em depoimento ao Documentário “Criança, a alma do negócio”.

⁶ Presidente do Instituto ALANA e Mestre em Educação - em depoimento ao Documentário “Criança, a alma do negócio”.

⁷ PETRI, R. A constituição do sujeito in MÜLLER, F.; GOMES, M.O. *Cadernos de Residência Pedagógica - Educação Infantil*, São Paulo: Progressiva, 2009, pp.17-22.

Sobre as autoras:

Marineide de Oliveira de Oliveira Gomes, Doutora em Educação, é professora do Departamento de Educação da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (EFLCH) da UNIFESP, Campus de Guarulhos.

Nathalia Venâncio é aluna/Residente do Curso de Pedagogia da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (EFLCH) da UNIFESP, Campus de Guarulhos.

Recebido em 16 de julho de 2012

Aceito em 15 de março de 2013